

A Etnologia norte-americana e o ideal de progresso: representações sobre o Brasil e os brasileiros nos escritos de Thomas Ewbank (1846)

Carla Viviane Paulino¹

Resumo: Este artigo analisa alguns aspectos da narrativa de viagem *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*², escrita pelo inglês radicado nos Estados Unidos Thomas Ewbank (1792-1870), com base em sua viagem ao Rio de Janeiro em 1846. Impresso nos Estados Unidos e na Inglaterra, em 1856, e no Brasil, somente em 1973, o livro e os textos publicados em revistas importantes do período alcançaram um público amplo. O relato mostra-se impregnado das concepções de mundo relacionadas ao campo da Etnologia, no qual se discutia a “origem do homem” e o “lugar de determinadas raças em seus respectivos ambientes geográficos”. Este artigo pretende discutir e demonstrar a influência dessas concepções na escrita do relato, implicando em construções de imagens e representações de um Brasil que estaria condenado a um desenvolvimento lento e sempre inferior em relação ao da Europa e dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Estados Unidos, relatos de viagem, Etnologia.

Abstract: This article examines some aspects of the travel narrative: *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*, written by the Englishman settled in United States Thomas Ewbank (1792-1870), since a journey to Rio de Janeiro in 1846. Printed in the United States and England in 1856 and in Brazil only in 1973, the book and the texts published in leading magazines of the period, reached a wide audience. The report shows itself pervaded by conceptions of the world related to science, technology and progress as conceived in the period. Thus, I intend to discuss and demonstrate how the report was written based on these concepts, resulting in construction of images and representations of a Brazil that, for a sum of negative

¹ Mestranda em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde desenvolve a pesquisa *O Império do atraso: impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano, Thomas Ewbank, (1846)*, financiada pela Fapesp. E-mail: carlapaulino@hotmail.com.

² *Vida no Brasil ou um diário de visita à terra do cacau e da palmeira.*

characteristics, would be doomed to a slow development and always lower compared to Europe and United States.

Keywords: United States, travel writing, Ethnology.

[...] nem tenho esquecido que as superstições sul-americanas eram comuns, e que sua rejeição por nossos ancestrais não vem de muito tempo. O mundo é ainda “uma escola desigual”. Das raças e nações que compõem as suas classes, poucas passam do livro primário de conhecimento; e é certo que nunca poderão frequentar da mesma forma na religião e mais ainda as artes, ciências e política civil. O dogma da uniformidade é contrário à lei orgânica da diversidade. (Thomas Ewbank).

Dos séculos XV ao XIX, as narrativas de viagem alcançaram enorme relevância como veículos de informação sobre terras distantes. As histórias contadas pelos viajantes – muitas delas com descrições detalhadas sobre a fauna, flora, a cultura e a população local – ofereceram subsídios para que pensadores refletissem a respeito do mundo e desenvolvessem teorias e classificações sobre o gênero humano com base no questionamento acerca da existência ou não do que consideravam “características humanas universais”. Como afirma Joan-Pau Rubiés:

O impulso etnográfico europeu foi o produto de uma combinação única de expansão colonial e transformação intelectual. Embora o surgimento de um discurso acadêmico baseado na comparação, classificação e linhagem histórica chamada Etnologia seja um fenômeno do século XIX, na realidade, tanto a Etnografia quanto a Etnologia existiram dentro de disciplinas humanísticas da recém moderna Europa nas formas primárias de escritos de viagem, Cosmografia e História que informou frequentemente debates específicos – sobre as capacidades e origens dos índios americanos, a definição de “homem natural”, a influência do clima nas características nacionais, ou a existência de estágios na história da civilização. Por trás do crescimento dos escritos de viagem, tanto a Etnografia como a Etnologia foram, de fato, cruciais para o projeto iluminista de uma ciência da história mundial do gênero humano (RUBIÉS, 2002, p.243).

Thomas Ewbank, autor da narrativa de viagem aqui analisada, intitulada *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*³ nasceu em Durhan, Inglaterra, em 1792, e morreu em Nova York, em 1870. Aos 13 anos de idade, trabalhou como aprendiz em uma manufatura de cobre e estanho em sua cidade natal e, aos 20

³ A partir deste ponto, irei me referir a esse relato de viagem somente como *Life in Brazil*.

anos, foi para Londres, empregando-se em uma fábrica de latas de conserva para carne. Segundo alguns verbetes encontrados em revistas no ano de seu falecimento, esse autor, desde cedo, dedicou suas horas livres ao estudo das ciências mecânicas e hidráulicas⁴.

Em 1819, aos 27 anos, já casado e com dois filhos, imigrou para os Estados Unidos e se estabeleceu em Nova York como fabricante de canos de chumbo, estanho e cobre. Poucos anos depois, Ewbank começou a publicar artigos em importantes revistas científicas do período, tais como a *Scientific American* e *Smithsonian Institution*, nas quais versou sobre assuntos relacionados à mecânica e à hidráulica, e destacou-se na busca por mecanismos capazes de evitar as crescentes explosões em caldeiras a vapor. Em 1836, Ewbank vendeu a manufatura e passou a dedicar-se exclusivamente ao estudo da filosofia, etnologia e história das invenções. Desde então, escreveu livros sobre os temas de seu interesse e, após sua viagem ao Brasil, assumiu um importante cargo no governo norte-americano: o de Comissário de Patentes. Ewbank se firmou como um viajante, primeiro à custa própria e, depois, a serviço do governo.

Entre 1849 e 1857, Ewbank participou de duas outras viagens, percorrendo o interior dos Estados Unidos e também alguns países da costa oeste da América Latina. Nessas viagens, concentrou-se no campo da Etnologia, com o foco no comportamento das tribos indígenas locais, estudando seus hábitos e costumes e procurando classificá-las por nível de civilidade, docilidade ou selvageria. Após a viagem ao Brasil em 1846, entre 1849 e 1852, Ewbank participou da expedição à América do Sul, comandada por James Gilliss, capitão da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, a *U. S. Navy*, com a missão de transportar o maquinário de alta precisão e instalar no Chile um observatório astronômico. Os expedicionários permaneceram no Chile por quatro anos e percorreram também a região do Peru e da Argentina (GILLIS, 1855, p.111-150). Em 1855, Ewbank fez parte da viagem exploratória comandada pelo *War Department* (Departamento de Guerra), o Exército dos Estados Unidos, com o objetivo de mapear a região do Mississippi, a fim de encontrar rotas viáveis para a instalação de linhas férreas na

⁴ Durante a coleta de documentos, pude encontrar alguns verbetes sobre o autor, entre eles, podemos citar: DOBYNS, Kenneth W. *History of the United States Patent Office*. 1994, disponível em <http://www.myoutbox.net/popstart.htm>. DobyNS cita como fonte a *Scientific American* e reproduz a mesma trajetória de vida de Ewbank. No *site* <http://famousamericans.net/thomasewbank/>, Ewbank é descrito como cientista. Outras informações sobre o autor podem ser encontradas nos seguintes endereços eletrônicos: <http://chestofbooks.com/reference/American-Cyclopaedia-V7/Thomas-Ewbank.html>; <http://www.oxforddnb.com/index/101009013>.

região. Além disso, como se pode notar no relatório de Ewbank dessa expedição, eles pretendiam também estudar a população nativa de territórios recém anexados pelo país e, assim, elaborar estratégias e medidas a serem tomadas em relação a essas terras, bem como aos povos que nelas habitavam (WHIPPLE; EWBANK; TURNER, 1855, p. 43-53). Homem prático, defensor das “artes úteis”, Ewbank preocupou-se em avaliar por que determinadas sociedades haviam “evoluído” e optado pelo uso da técnica e da tecnologia, enquanto outras permaneciam estagnadas.

Durante toda a sua carreira, além da forte defesa que fazia do progresso das sociedades pelo desenvolvimento das máquinas e do estímulo à indústria, o autor também buscou compreender as “habilidades inerentes a cada raça” que as habilitassem a progredir. Foi dessa forma que ele entrou no debate sobre as questões raciais no país, a ponto de ser um dos fundadores da *American Ethnological Society*, a AES⁵. Aqui, convém destacar que, chegando ao Brasil, Ewbank, na qualidade de representante da AES, procurou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com a incumbência de entregar-lhes uma carta da AES, propondo parceria entre as duas instituições, no intuito de trocarem informações sobre os estudos etnológicos realizados nas Américas (RIHGB, v. 8, p.152-156)⁶. O fato de esse autor ser um dos fundadores da AES, aliado à informação de ter sido ele designado para mediar um contato com o IHGB, autoriza-nos a considerar que seu olhar de viajante foi influenciado pelas ideias sobre raça e clima amplamente discutidas na *American Ethnological Society*. Ademais, como afirma Eneida Sela, a profissão do viajante é de extrema importância e deve ser levada em consideração ao analisarmos sua escrita, “pois não só direcionava as lentes de observação dos visitantes, mas, antes, motivava a própria viagem” (SELA, 2006, p. 14).

Ewbank circulou entre os letrados norte-americanos, debatendo os temas candentes do período no campo das ciências, os quais lhe forneceram os parâmetros para opinar enfaticamente sobre a sociedade que adotara – a norte-americana – e as que visitou, como o Brasil.

⁵ Ao longo deste artigo, irei me referir a esta instituição das duas formas já apresentadas: AES ou *American Ethnological Society*

⁶ A troca de correspondências entre as duas instituições encontra-se disponível no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e muitas estão transcritas em suas revistas.

Foi esse homem, atuante no campo da Etnologia, mas também voltado para a importância da técnica e para a prática, que escreveu um dos mais conhecidos relatos de viagem sobre o Brasil, muito utilizado pelos historiadores, que se valem das suas referências, dados e descrições sobre o país, para recuperar a sociedade local na primeira metade do século XIX.

Sob a forma de diário, em *Life in Brazil*, o autor narrou a vida cotidiana do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que refletiu sobre tudo o que viu, buscando explicações – ora na História, ora na Providência Divina e ora na Ciência – para a conformação do mundo e para a diferente e “atrasada” realidade social com a qual se deparava. Com base no estudo mais aprofundado do debate que envolvia o campo da Etnologia nos Estados Unidos, ficou evidente a sua influência na forma como o autor descreveu e construiu prognósticos sobre o Brasil pautados exclusivamente em sua visita ao Rio de Janeiro. Neste artigo, pretendo demonstrar que os debates sobre a “origem do homem” – que ajudaram a delinear os contornos do campo da Etnologia – encontram-se de forma implícita e explícita nos escritos de Thomas Ewbank, e como tais concepções influenciaram o processo de construção de imagens sobre o “outro”.

Os primórdios da Etnologia norte-americana

Desde o século XVIII, os estudos sobre o homem buscavam compreender o lugar deste na natureza e, para tanto, discutia-se acaloradamente sobre as suas origens.

Como afirma Thomas Paterson (2001, p.3), nos Estados Unidos, especialmente na primeira metade do século XIX, os estudos etnológicos buscavam atender a diversas solicitações importantes: o forjamento de uma identidade nacional, a expansão territorial e uma justificativa para a escravidão. Nesse país, inicialmente, as pesquisas etnológicas voltaram-se para o estudo dos povos indígenas, em razão da demanda gerada por discussões que questionavam a viabilidade ou não de assimilar os nativos e “civilizá-los”. Somada a essa questão, os etnólogos do período, tal como ocorria na Europa, estavam preocupados em encontrar – ou confirmar – a existência ou não de uma origem única para povos diferentes. Um caminho comum e bastante antigo para a realização desse propósito foi a Filologia, por causa da crença de que era possível, com base no estudo das línguas faladas por diferentes povos, encontrar um ponto de união

entre eles, identificando-se assim suas origens.

Outra questão importante apontada por Paterson (2001, p.7), vinculada à construção da identidade norte-americana, está relacionada aos prognósticos sobre o Novo Mundo oferecidos por pensadores europeus importantes do período. Algumas das avaliações não favoreciam os colonos que ali viviam, pois teorias como as de Buffon afirmavam que, em razão da natureza e do clima úmido e hostil de tais lugares, o europeu degeneraria, a exemplo de seus indígenas e animais nativos, ambos, na visão desse autor, inferiores aos exemplares europeus.

Antonello Gerbi, em seu clássico estudo sobre o Novo Mundo, buscou compreender as teorias que tentavam explicar a suposta inferioridade da natureza e dos habitantes dos trópicos. Gerbi avalia que a relação feita entre clima e gênio era extremamente comum na Antiguidade. O autor afirma que antes de Buffon (séc. XVIII), encontravam-se, aqui ou ali, referências sobre a natureza da América de forma negativa:

Entre tantos que, depois de Bodin, buscaram os efeitos do clima, Voltaire menciona o viajante Chardin, que possivelmente conheceu as teorias climáticas de Ibn Khaldun, o engenhoso Fontenelle e o abade Du Bos. [...] Hume recorda com frequência Bacon e Berkeley, o cardeal Bentivoglio e Sir William Temple. Na realidade, tratava-se então de uma questão banal, de um argumento corriqueiro, que, de outro lado, adquiria nova energia especulativa e polêmica sob efeito de um duplo estímulo: a ânsia de definir, não genericamente, mas em relação à Europa, o Novo Mundo, com sua gente e suas espécies naturais; e o esforço de justificar com rigor científico a variedade infinita e aparentemente inútil das criaturas; de esclarecer, se possível com uma simples relação de causa e efeito, as relações entre o ambiente físico e os seres vivos, suas formas evolutivas e, em se tratando de homens, sua capacidade de progresso e suas instituições sociais. O “clima”, em particular, servia para mediar o abismo lógico entre a tese da debilidade física do continente americano e a de sua inferioridade civil e política. Era apenas um fator, mas um fator crucial que permitia esboçar uma explicação unitária de uma infinidade de fatores geográficos e históricos (GERBI, 1996, p.48).

De fato, por um longo período, natureza e clima serviram como fatores cruciais na avaliação dos povos e do continente americano. No caso dos Estados Unidos, Paterson observa que, no período entre 1770 e 1780, líderes políticos do calibre de Benjamin Franklin, James Madison e Thomas Jefferson, e até mesmo artistas que retratavam a natureza da América do Norte, buscavam refutar a imagem negativa do local, procurando demonstrar que a natureza na América não era hostil e tampouco imutável, e poderia ser “domada” pelos colonos anglo-saxões.

Após a década de 1780, o desejo de expansão e o crescente extermínio de

indígenas deram um sentido de urgência em coletar o máximo de dados possíveis sobre os nativos, não apenas para determinar suas origens, mas para preservar as informações sobre uma população prestes a ser extinta. Na primeira metade do século XIX, somada às questões já existentes, as discussões sobre o lugar dos negros e da escravatura aconteceram de forma mais enfática. Vemos, portanto, que a importância de determinadas questões alcança maior ou menor amplitude de acordo com as necessidades e interesses políticos de cada período específico. Se, no final do século XVIII, importava aos norte-americanos modificar a imagem dos europeus sobre a natureza da América, no século XIX eles recorreram mais e mais à ciência no intuito de legitimar determinados interesses e justificar as suas ações.

À medida que essas questões foram ganhando espaço nos Estados Unidos, surgiu a necessidade de se formar instituições que sistematizassem e legitimassem os debates ainda incipientes. No século XVIII, são criadas as sociedades científicas, tornando-se centros irradiadores de ideias e de produções científicas, trabalhando as ações políticas e servindo a elas, em grande medida, como a expansão e domínio de novos territórios e de seus habitantes.

Até o final de 1830, os estudos sobre o homem nos Estados Unidos estiveram vinculados a essas sociedades científicas e filosóficas, que concentravam os interessados e promoviam o debate. Segundo Mary Anne Junqueira, ainda na primeira metade do século XIX, também foram organizadas expedições científicas patrocinadas pelo governo e apoiadas pelas comunidades científicas, fator indicativo do “interesse norte-americano em construir um saber local e fazer parte da comunidade científica internacional” (JUNQUEIRA, 2007). No entanto, não havia ainda uma instituição que tratasse especificamente da Etnologia, uma vez que o campo propriamente dito estava em constituição. Durante muitos anos, a principal instituição a acolher os pesquisadores etnólogos e suas produções foi a *American Philosophical Society*, fundada em 1745 por Benjamin Franklin, com o objetivo de promover conhecimento nas áreas das ciências e humanidades em geral.

No final dos anos 1830, alguns estudiosos da área, entre eles, Albert Gallatin e Thomas Ewbank, amparados nos debates que vinham ocorrendo na Europa sobre a origem do homem, tema amplamente estudado por Stocking (1991), mobilizaram-se no intuito de formar uma organização própria, totalmente voltada aos estudos e debates no

campo da Etnologia. Nesse ambiente, como já mencionado, surge a AES. De acordo com o seu histórico, disponível no *site* da Sociedade⁷, esta instituição é a mais antiga organização de estudos antropológicos dos Estados Unidos. Fundada em Nova York, em 1842, tinha por objetivo a pesquisa no campo da Etnologia que começava a se desenvolver no país naquele período. Apesar de seu nome não ser citado no *site* oficial da Sociedade, Thomas Ewbank figura, de acordo com o documento de constituição da AES, como um de seus membros fundadores (WILSON, 1900). Essa ausência no histórico do *site* da instituição demonstra o quanto esse autor foi esquecido, muito embora no período em que viveu fosse reconhecido por sua produção no incentivo da técnica e da tecnologia nos Estados Unidos, tornando-se um defensor entusiasmado do tema, versando a respeito dele durante toda a sua vida.

O principal objetivo da AES, de acordo com os registros de sua constituição, era “incluir inquéritos sobre a origem, evolução e características das várias raças de homem” (WILSON, 1900). Abraham Alfonse Albert Gallatin (1761-1849) foi o grande líder da AES. Além de uma importante carreira política, dedicou sua vida ao estudo das línguas indígenas, sendo amplamente reconhecido nos Estados Unidos pela grande sistematização filológica que realizou sobre a linguagem indígena, acreditando que, com base nela, seria possível encontrar uma origem única para os distintos grupos humanos que identificava. Esse autor construiu uma importante carreira pública, foi tesoureiro do presidente Thomas Jefferson (1801-1809) e também fundador da *New York University*. Além disso, segundo James Wilson (1900, p.785-796), Gallatin ajudou Jefferson na orientação da famosa viagem de Lewis e Clark, ocorrida entre 1803 e 1806, na qual os exploradores percorreram o território da Louisiana, adquirido da França em 1803, e, passando ao longo dos rios de outros territórios em disputa, alcançaram finalmente o Pacífico (região onde hoje é o Oregon). Com um histórico respeitado, Gallatin estabeleceu na AES tanto a sua linha de pesquisa, como a prioridade de temas a serem estudados.

O papel das sociedades científicas na orientação de viagens e viajantes

⁷ O endereço eletrônico é o que segue: <http://www.aes.org>.

Tal como as instituições europeias – que foram objetos de estudo do historiador Ronald Raminelli (2008)⁸ – as sociedades científicas norte-americanas, entre elas a *American Philosophical Society* e a própria *American Ethnological Society*, produziam guias impressos com a finalidade de orientar as observações dos viajantes nos locais visitados e também a organização e a escrita dos relatos de viagem, no intuito de que tais jornadas pudessem ajudar na reflexão sobre as diferenças e desigualdades entre as sociedades e também no interior de cada uma delas (WILCOX; FOWLER, 2002). Essa descoberta foi-me particularmente útil para associar o relato de Thomas Ewbank às práticas etnológicas do período. Como membro fundador da AES, parece-me razoável pensar na hipótese de que a escrita de sua narrativa sobre o Brasil buscou, em alguma medida, seguir as orientações dessa instituição. A seguinte passagem, extraída dos anexos de *Life in Brazil*, comprova a tentativa do autor de manter seu relato em sintonia com as preocupações das sociedades científicas, interessadas em preservar a cultura das populações indígenas:

Os aborígenes americanos estão desaparecendo. Uma mudança de ocupação territorial em tal escala é um episódio sem paralelo na história de nosso globo; e apesar de nós, que vivemos durante sua efetivação, sermos de certa forma indiferentes a sua magnitude e significado nos destinos da espécie nos tempos futuros, isso será discutido e referido em um futuro distante como sendo de um significado sempre memorável. [...] Pobres elas próprias, as tribos vermelhas tornaram outros ricos. [...] A um povo em que devemos tanto, o mínimo que devemos fazer é coletar para a posteridade todas as memórias de seu passado que caíam em nosso caminho (EWBANK, 2005, p. 445).

É necessário salientar, porém, que esse texto, anexado no final de *Life in Brazil*, foi escrito originalmente com o intuito de tentar uma publicação na revista da AES. Tendo sido negado o artigo por causa do grande número de figuras que encareceriam a impressão, foi então ampliado com algumas observações colhidas em suas viagens exploratórias junto à Marinha norte-americana e acabou sendo anexado em *Life in Brazil*, representando um trabalho de cunho essencialmente etnológico, escrito – ao que

⁸ O historiador Ronald Raminelli, ao pesquisar sobre as Viagens Filosóficas realizadas por europeus, conta-nos que, já no século XVIII, as sociedades científicas e acadêmicas europeias direcionavam o trabalho dos viajantes por meio de instruções impressas, que serviam para normatizar o cotidiano da viagem, que, em geral, não atendia apenas a interesses filosóficos, mas também coloniais, estando, dessa forma, vinculada aos interesses da Coroa. O naturalista e botânico inglês Joseph Banks, por exemplo, tinha a seu serviço centenas de coletores de dados e de espécies da fauna e da flora espalhados pelo Novo Mundo. O historiador também nos conta que a realização de uma viagem e a publicação de tal experiência rendiam quase sempre, ao viajante, honrarias e promoções.

tudo indica – para corresponder às expectativas e interesses da AES. No entanto, ao longo do relato, o autor não manifesta muito interesse e respeito diante da população indígena local, como será observado mais adiante.

O historiador Robert Bieder (2003), em sua pesquisa sobre o papel da Ciência nos estudos sobre a população indígena americana, afirma que Henry Schoolcraft, outro membro fundador da AES, produziu um documento cujo objetivo era traçar uma proposta para o campo de estudos da nascente Etnologia nos Estados Unidos. Esse autor, que veio a se tornar em 1846 o primeiro secretário do *Smithsonian Institution* – o museu nacional sediado na capital do país, Washington D.C. –, tinha, tal como Gallatin, respaldo no Congresso. Nesse documento, Schoolcraft propunha:

Considerar a Etnologia em seu mais amplo senso o qual a Etimologia da palavra admite, abraçando assim homens em suas divisões dentro de Nações; suas afinidades e características, mental e física, com tais provas deduzidas da História, Filologia, Antiguidades e ciências exatas, podendo servir para unir Nação a Nação, raça a raça (BIEDER, 2003, p.181).

Para Schoolcraft, embora desiguais, indígenas, brancos e negros poderiam compor a mesma sociedade, uma vez que, para ele, os homens tinham uma origem única, como veremos a seguir. O plano de investigação dentro do campo da Etnologia proposto por Schoolcraft tinha o objetivo de profissionalizar, sistematizar e uniformizar o padrão das pesquisas realizadas. Para atingir esse objetivo, Brian Dippie (1990, p. 169-173) – outro historiador que estudou os escritos de Schoolcraft – afirma que seu plano de ação delimitava, de forma minuciosa, o que deveria ser investigado por pesquisadores, tais como os viajantes e agentes indígenas, bem como quais seriam os melhores meios de averiguar os fatos.

Monogenia e poligenia: os debates sobre a origem do homem nos Estados Unidos.

A *American Ethnological Society* manteve, nos anos iniciais de sua fundação – a exemplo de seu principal líder –, o enfoque ambientalista e monogenista, herdado da Europa, orientando os estudos sobre as populações indígenas. De uma maneira geral, Fredrikson (1987, p.72) nos informa que a abordagem monogenista baseava sua crença nos escritos bíblicos e assim postulava ter os homens uma origem única. As diferenças

entre os seres humanos davam-se pelo grau de desenvolvimento psíquico em que se encontravam, sendo as diferenças de cor, anatomia, inteligência e moral atribuídas aos diferentes ambientes geográficos e, especialmente, ao clima. Para muitos homens da Ciência da primeira metade do século XIX, eram esses aspectos que explicavam os contrastantes hábitos de vida produzidos em sociedades selvagens e civilizadas. A historiadora Eneida Sela, ao estudar as representações dos africanos do Rio de Janeiro nos relatos europeus de viagens, afirma que “as últimas décadas do século XVIII presenciaram novidades científicas e estéticas gestadas em lugares intelectuais europeus que acabaram por nortear juízos e parâmetros encontrados na literatura de viagem oitocentista” (SELA, 2006, p.14). Nesse sentido, a autora aponta alguns autores franceses que exerceram forte influência em autores da primeira metade do século XIX, como o Conde de Buffon que, com suas teorias climáticas, influenciou a produção de pensadores como Lineu, Kant, Herder, Lavater, Blumenbach e Peter Camper – todos membros de instituições científicas dentro e fora de seu país, promovendo assim ampla circulação das ideias sobre a questão das raças e da origem do homem (SELA, 2006, p. 15-16).

Apesar de o enfoque no estudo indígena e de a visão monogenista predominarem na AES, Bieder aponta que alguns membros, no final da primeira metade do século XIX, já começavam a discordar da maioria, pendendo para a visão poligenista, a qual postulava que o gênero humano não teria descendido de um único homem, Adão, e que, para diferentes partes do globo, Deus havia criado diferentes raças, com capacidades e características físicas que as tornavam aptas a viver naquele ambiente.

Havia divisões entre os monogenistas e poligenistas, e suas crenças não se mostravam fixas e nem homogêneas. Assim, se já é difícil distinguir os monogenistas dos poligenistas, é ainda mais complicado identificar quem pertencia a essa ou aquela

vertente dentro das duas correntes.⁹ Mesmo assim, conhecer minimamente essas posições teóricas, ainda em desenvolvimento naquele período, ajuda o pesquisador a compreender as discussões raciais ocorridas durante todo o século XIX, e que tinham, de uma forma ou de outra, o respaldo da Ciência embasando suas discussões.

Fredrickson (1987, p.75) afirma que a poligenia foi considerada a vertente teórica que antecedeu e preparou as bases do racismo científico. Essa “ciência da raça” encontrou no público norte-americano um forte interesse, tornando-se parte do clima cultural do período que debatia o lugar do negro na sociedade e que antecedeu à Guerra Civil (1861-1865), sendo amplamente divulgada em livros, jornais, revistas e panfletos.

Tal abordagem, de acordo com Bieder (2003, p.44-45), fortaleceu-se principalmente em torno das discussões raciais envolvendo os negros e a escravidão, tema que vinha ganhando cada vez mais espaço na política e na Ciência. Fredrickson (1987, cap. 3) aponta que já na década de 1850 a abordagem poligenista conquistou seu espaço nos estudos etnológicos. A morte de Gallatin, em 1849, o qual, além de defensor fervoroso do monogenismo, privilegiava, como vimos, o enfoque nos estudos das populações indígenas, abriu espaço na AES para o debate entre poligenistas e

⁹ Haller (1960) identifica ao menos três vertentes teóricas monogenistas: Os “Adamitas”, cujas explicações sobre a origem do homem eram estritamente bíblicas, baseavam-se na história de Adão e Eva para explicar a origem humana, sendo as diferentes raças existentes no mundo o fruto das oito pessoas sobreviventes do dilúvio. A inferioridade do negro era explicada pela queda de Caim. Uma segunda vertente, a dos monogenistas racionais, buscou uma combinação entre Ciência e cristianismo liberal. Em geral, defendiam que a terra antecedia o épico bíblico, sendo as diferentes raças o fruto da ação do clima e de outras condições que atuaram durante a migração dos povos. Ainda assim, esses teóricos não desconsideravam a possível intervenção divina para explicar a origem e as diferenças raciais. Para esses monogenistas, a inferioridade do negro baseava-se na crença científica da degeneração. Entre os monogenistas racionais, podemos citar homens como Lineu, Georges Buffon, Georges Cuvier, Joannes Blumenbach, James Cowles Prichard e Armand de Quatrefages.

Por fim, havia os transformistas, que, como o próprio nome indica, acreditavam que as espécies passavam por sucessivas transformações. O homem, descendente de uma lenta transformação dos macacos, era a ponta de uma extremidade isolada do reino orgânico. Entre os transformistas, podemos citar Bry de Saint-Vicent, Geoffry Saint-Hilaire, Lorens Oken, Johann Wolfgang von Goethe, W. Herbert, P. Matthews, Omalius d’Halloy, Herbert Spencer e Charles Lyell.

Haller também explica que, assim como no monogenismo, havia ao menos duas vertentes entre os poligenistas: os neotradicionalistas que, apesar de aderirem à história bíblica, tentavam explicar os vários tipos de seres humanos conciliando a escritura com o poligenismo. Paul Broca, por exemplo, afirmava, na década de 1860, que outros povos coexistiram com a família Adamita, mas que eram insignificantes a ponto de não aparecerem nas escrituras sagradas. Nessa escola, defendia-se que o homem emergiu em diversos lugares, por meio de diversos atos de criação, resultando em formas distintas de seres. Teóricos como Louis Agassiz, Lord Henery, H. Kames e Karl Vogt faziam parte dessa vertente teórica.

Uma segunda vertente acreditava nos postulados neotradicionalistas, mas também acreditavam que o lapso do tempo bíblico, que se verificou ser de 5.877 anos, era insuficiente para produzir as condições de raça e, por consequência, a origem do homem era múltipla. Para mais informações ver: HALLER, John S. Jr. “The species problem: Nineteenth-century concepts of racial inferiority in the origin of man controversy”. In: *American Anthropologist, New Series*. Vol. 72, n. 6, Dec./1960. p.1319-1320.

monogenistas dentro do campo da escravidão. Com isso, a Etnologia passou a ter como tema central o negro e o questionamento de qual seria o seu lugar no mundo.

No entanto, devemos ter em mente que, apesar da poligenia se consolidar somente no início da segunda metade do século XIX, desde o final da década de 1830 ela vinha sendo discutida e aplicada em diagnósticos sobre as diversas sociedades espalhadas pelo globo. Já nesse período surgem, nos Estados Unidos, trabalhos importantes, fortemente influenciados pelo determinismo biológico, tal como *Crania americana*, escrito em 1839 por Samuel George Morton (1799-1851), médico norte-americano e naturalista, considerado por muitos como o principal difusor da Escola Americana de Antropologia. Nesse livro, Morton defendeu a ideia de que era possível medir a capacidade intelectual de uma raça com base no tamanho de seu crânio. Dessa forma, quanto maior o crânio, maior o cérebro e a inteligência e, quanto menor, mais diminuta seria a capacidade intelectual de seu portador. As proposições de Morton alcançaram grande repercussão e, para muitos estudiosos do período, inclusive os monogenistas, os negros apresentavam a menor capacidade intelectual entre todas as raças, como nos informa Michael Banton (1998, p.50-53).

O biólogo Stephen Jay Gould demonstrou que trabalhos como os do poligenista Morton apresentaram resultados de pesquisa alterados, falsos e tendenciosos, com o objetivo de corroborar a tese da inferioridade de negros e indígenas. Esse autor salienta a importância da poligenia na consolidação de uma hierarquia racial e atribui aos norte-americanos um papel de destaque na consolidação e difusão de ideias e argumentos que colocavam negros e indígenas como seres incapazes, por sua constituição biológica, de alcançar o mesmo desenvolvimento intelectual que os brancos (GOULD, 1999, p.30).

A diferença básica entre uma e outra vertente é que, para os monogenistas, negros e brancos tinham uma mesma origem, como nas escrituras bíblicas – todos igualmente descendiam de Adão. Já para os poligenistas, negros e brancos tinham origens distintas. Se havia preconceito entre os monogenistas – pois negros e indígenas eram vistos como inferiores aos brancos aos olhos paternalistas dos monogenistas –, ele é exacerbado entre os poligenistas, em razão do fosso que separava um e outro desde a sua criação. Outro ponto em comum entre as duas vertentes é a questão geográfica e climática, ambas responsáveis pelo maior ou menor grau de desenvolvimento de seus habitantes. Havia, tanto entre os monogenistas como entre os poligenistas, homens

contra ou a favor da escravidão. Estando esse campo e suas ideias ainda em formação, veremos que diferentes ideias se mesclam nos discursos de Ewbank, o que denota uma ciência ainda incipiente, cujas delimitações não estavam totalmente claras.

Considerando-se as ideias acima apresentadas, ao analisar o relato de viagem escrito por Thomas Ewbank, tornam-se bem evidentes as razões pelas quais o autor foca o seu olhar sobre determinados aspectos daquela sociedade. Um exemplo muito revelador é a consideração feita pelo viajante sobre a degeneração do homem branco que vivia nos trópicos, como demonstrado nos excertos abaixo. Em *Life in Brazil*, havia três aspectos que se inter-relacionavam nesse “processo degenerativo”: o fator climático, a escravatura e a religião. No Brasil, um país de clima tropical, o homem branco ficaria imerso em um lento processo degenerativo, no qual ia perdendo o seu vigor físico e mental:

O calor tão uniforme e a lassidão que o acompanha faz com que as pessoas procurem repouso nas horas da manhã. [...] Na verdade, os prazeres do verão perpétuo, das flores sempre desabrochando e do clima sempre quente não são tudo aquilo que dizem os poetas, pois tornam-se monótonos e deixam de encantar. O corpo definha e a própria mente começa a perder o seu vigor (EWBANK, 2005, p. 268).

Se somarmos o clima tropical à religião católica – que para Ewbank impedia o livre pensar e não fornecia uma base moral sólida para seus praticantes –, então poderíamos concluir que, para o autor, a situação no Brasil era muito séria. O excerto abaixo, de *Life in Brazil*, revela a sua posição com relação ao catolicismo:

Creio que o Romanismo, tal como existe no Brasil e na América do Sul, é uma barreira ao progresso, e com relação a ele outros obstáculos são pequenos, e há homens do Estado que estão atentos a este fato; mas, incorporado como está nos hábitos e pensamentos do povo, transfundido, por assim dizer, em seus ossos e medula, a menos que algum Kempis ou Fénelon, Lutero ou Ronge levante-se para purificar isso, muitas gerações passarão antes que as escamas caiam de seus olhos, e se tornem mentalmente livres (EWBANK, 2005, p.ix).

Em *Life in Brazil*, não são poucas as passagens em que o autor relaciona o comportamento dos brasileiros ou o lento desenvolvimento da nação a fatores por ele considerados como impeditivos ao progresso: o clima tropical, o trabalho escravo e a recusa de muitos brancos em aprender um ofício manual. O excerto abaixo nos dá uma dimensão maior sobre a forma como o autor pensou essas questões em seu relato de viagem:

A tendência inevitável da escravidão por toda parte é tornar o trabalho desonroso, resultado superlativamente mau, pois inverte a ordem natural e destrói a harmonia da sociedade. A escravidão negra predomina no Brasil, e os brasileiros recuam com algo próximo ao horror dos serviços manuais. No espírito de classes privilegiadas de outras terras, dizem que não nasceram para trabalhar, mas para comandar. Perguntar a um respeitável jovem de uma família em má situação financeira sobre por que não aprende um ofício e ganha sua vida de maneira independente, há dez chances em uma de ele perguntar, tremendo de indignação, se você está querendo insultá-lo! “Trabalhar! Trabalhar!” – gritou um. ‘Nós temos os negros para isso’”. Sim, centenas e centenas de famílias têm um ou dois escravos, vivendo apenas daquilo que os mesmos ganham (EWBANK, 2005, p.184).

Como vimos na passagem acima, para o autor a escravidão exercia uma enorme influência na forma como os brasileiros enxergavam o trabalho. No entanto, Ewbank observa que esta não era uma postura apenas dos brasileiros, mas também das classes privilegiadas de outras terras, as quais ele não especifica. Talvez porque, caso decidisse exemplificar, tivesse de mencionar os Estados Unidos que, no período em questão, mantinha escravos não apenas no Sul do país, mas em todo o seu território.

Para Ewbank, a natureza, assim como o gênero humano, evoluía, embora jamais em um nível de igualdade com relação aos países de clima temperado. De acordo com sua visão, o homem acompanharia os processos de metamorfose já observados por naturalistas na fauna e flora, buscando desenvolver habilidades que o tornasse apto a viver em uma sociedade em constante transformação e progresso. Suas afinidades com as explicações científicas que se desenvolviam no período se mostram claras no excerto abaixo, retirado da introdução de *Life in Brazil*:

A natureza pressagia sempre as alterações que vão surgir na condição de suas diversas gerações, apresentando indícios que dificilmente enganam. A aparição de novos órgãos ou o aperfeiçoamento dos já existentes são provavelmente precedidos ou acompanhados por instintos correspondentes. [...] O fenômeno da metamorfose é comum a todas as forças da vida. O homem não passa de um inseto ambicioso, e o acréscimo de aparelhos de voo a seu organismo não seria maior novidade que as transformações já sofridas, segundo vários autores, pelas espécies (EWBANK, 2005, p.v).

Bem ao estilo da época, a evolução do homem é comparada à evolução dos animais, num momento em que os naturalistas discutiram a diversidade das espécies e as suas possíveis transformações. É significativo que tal passagem se encontre justamente na introdução de *Life in Brazil*, pois entendo que o autor, dessa forma, anunciou os parâmetros que guiariam o seu olhar e os seus interesses na realização de

sua viagem. Nos escritos de Ewbank, a ideia de evolução está fortemente relacionada à ideia de progresso e civilização, pressupostos comuns no período, por meio dos quais os homens buscavam a perfectibilidade humana.

A revolução industrial e a máquina eram sinalizadoras da evolução de determinada sociedade. Para o autor, a evolução se daria a partir de um limite físico, relacionado às condições de cada país, com seu clima e geografia próprios, determinantes na capacidade de maior ou menor evolução nas variadas regiões do planeta. No caso do Brasil, o autor, considerando os fatores acima citados, acreditava que não se tratava de um país com vocação natural para alcançar os estágios mais altos da evolução humana. Suas impressões a esse respeito são fortes a ponto de escrever no prefácio de *Life in Brazil* que o atraso de 10 anos na publicação de sua narrativa de viagem não implicaria em informações ultrapassadas, pois “como se relacionam a assuntos que são imutáveis, não há nada a lamentar sobre o atraso da publicação” (EWBANK, 2005, p.ix). Um exemplo de tal prognóstico e da importância do clima na evolução do homem, bem como de sua superioridade inerente a países de clima temperado, pode ser observado abaixo:

Deve-se lembrar, todavia, que nenhum povo pode servir de modelo para outro, pois que não existem dois povos nas mesmas circunstâncias e condições. A influência do clima, sabemos, é onipotente, e ocupam eles (os brasileiros) uma das maiores e melhores porções das regiões equatoriais. Cabe a eles determinar até que ponto as ciências e as artes dentro dos trópicos podem competir com o progresso feito em zonas temperadas (EWBANK, 2005, p.436).

As ideias contidas no excerto acima aparecem com muita clareza em duas outras publicações de Ewbank, escritas anos depois de sua viagem – o livro *The world a workshop: or the physical relationship of man to the earth* (1855), e o panfleto *Inorganic forces ordained to supersede human slavery* (1860). Nessas publicações, o autor desenvolve explicações sobre o papel de cada raça, sendo o clima e a geografia de cada lugar o que explicaria o maior ou menor desenvolvimento de seus habitantes. Especialmente nessa última publicação, pude ter uma indicação de autores que possivelmente influenciaram a visão desse viajante, já que nesse panfleto, Ewbank (1860, p.8) cita alguns nomes de teóricos para oferecer ao leitor um panorama de hierarquização das raças no globo: o sueco Carolus Linnaeus (1707-1778), o francês

Georges-Louis Leclerc – mais conhecido como Conde de Buffon (1707-1788) –, o francês Georges Cuvier (1769-1832) e, finalmente, Charles Pickering (1805-1878). Esse último, naturalista norte-americano e membro da Academia de Ciências naturais da Filadélfia, participou da *US Exploring Expedition*, comandada pelo capitão-tenente Charles Wilkes, um dos poucos nomes citados pelo viajante em *Life in Brazil*.

Em seu relato, ainda sobre a questão climática, chamou-me a atenção a forma como Ewbank se preocupou em registrar a temperatura desde o início da viagem, mantendo o hábito durante os meses em que permaneceu no Rio de Janeiro, a fim de observar os efeitos do clima no comportamento dos brasileiros e em seu próprio quando aqui esteve:

Dia 13 – A temperatura é opressiva. [...] Às seis da manhã, 28 graus; ao meio-dia, 29,5 graus; às dez da noite, 29 graus. Como estes movimentos são pequenos e lentos, se comparados com as variações registradas na coluna mercurial em nossas latitudes! [...] Sinto uma crescente tendência à ociosidade, tanto mental quanto física (EWBANK, 2005, p.77).

Sua preocupação em medir a temperatura diariamente, observando a prostração que tomava conta de seu corpo em virtude do calor e da umidade, demonstra uma postura comum a um homem da Ciência daquele período, que acreditava que era nos climas temperados que os homens brancos tinham as melhores condições para evoluir. O seguinte excerto é bastante ilustrativo de tal pensamento:

No verão, em Nova York, a temperatura eleva-se frequentemente a mais de 31 graus, mas à noite é o mesmo que se tomássemos um banho frio e refrescante. Aqui, a noite não traz alívio algum aos pulmões e vísceras cozidos. Não é, portanto, a alta temperatura que causa perturbações, mas a sua invariabilidade. Esta uniformidade do calor tropical pode ser propícia à saúde e permitir a vida até elevada idade, mas creio que também provoca certa lentidão intelectual. Existe uma relação evidente entre a meteorologia e o cérebro; os espíritos enérgicos medram melhor onde se alternam calor e o frio, as calmarias e as tempestades. Sinto uma crescente tendência à ociosidade, tanto mental quanto física, e posso compreender facilmente por que as pessoas que visitam os trópicos se cansam da verdura invariável e anseiam pela neve e o gelo, assim como pela renovadora influência da primavera setentrional (EWBANK, 2005, p.77).

De uma forma ou de outra, vimos que o clima era indispensável para compreender determinados estágios de evolução tanto para os monogenistas quanto para os poligenistas. O calor opressivo, segundo Ewbank, era o responsável pela indolência e atraso dos brasileiros, embora não o único. O excerto acima explicita o

ponto de referência do autor do que seria um clima “ideal” para o desenvolvimento saudável do homem: o verão carioca, ao contrário do que ocorria no “equilibrado” clima de Nova York, onde vivia, o colocava – um inglês que morava nos Estados Unidos – em estado letárgico.

O índio sul-americano no relato de Ewbank

Os etnólogos do século XIX pesquisavam a fisiologia, a filologia, a religião, além dos contos orais das populações indígenas. Para além das discussões sobre as origens do homem, havia, como já dito, a urgência em coletar, preservar e construir a memória da cultura indígena norte-americana que, como sabemos, estava sendo dizimada. A única forma de garantir que esses dados fossem devidamente coletados era pela criação de guias impressos, contendo instruções detalhadas sobre *como e o que* deveria ser observado. Ainda segundo Dippie, esse plano de investigação foi amplamente distribuído entre os membros do *Smithsonian Institution* e da AES, sendo apresentado inclusive no Congresso, com o objetivo de angariar fundos para uma ampla e audaciosa pesquisa etnológica que não se restringiria apenas aos Estados Unidos, mas que avançaria para além das fronteiras nacionais:

[...] escrutinar e coletar o que tem sido descoberto e escrito, coletando dados do próprio ambiente e de outras fontes, em várias partes do mundo, espécimes de arte antiga e, acima de tudo, encarnar a filologia presente e passada de tribos e nações, é um trabalho que requer tempo e atenção (SCHOOLCRAFT, *apud* BIEDER, 2003, p. 182).

Ao analisarmos *Life in Brazil*, vemos que Ewbank, em parte, busca atender a essas solicitações. Há em seu relato compilações de espécimes cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro (EWBANK, 1856, p.173-176). Além disso, o autor levou para seu país instrumentos antigos e até mesmo animais – uma preguiça, um lagarto e uma paca que, no entanto, não resistiram à viagem (EWBANK, 1856, p.443). Ao longo do relato, é possível verificar que o lugar do indígena não era uma questão central para Ewbank, embora naquele momento o fosse para AES. Por esse motivo, embora os indígenas brasileiros sejam pouco mencionados no corpo do relato, no apêndice anexado em *Life in Brazil*, o tema central é o indígena e as artes sul-americanas antigas.

Nesse momento, é possível observar a influência de Gallatin na escrita de Ewbank, que buscou, embora não fosse esse seu maior interesse, observar e relatar elementos da cultura indígena. Nessa parte, é possível observar a surpresa do autor diante de técnicas consideradas antigas, como a dos Incas, muito superiores às de 1846. Nesses anexos, o autor apresenta algumas peças artesanais produzidas por índios sul-americanos, e demonstra o maior interesse dos etnólogos do período. De todo modo, é significativo que os elogios de Ewbank recaiam sobre a técnica dos Incas, principalmente no que se refere à forja e à solda. Ao analisar alguns utensílios de pedra produzidos pelos Incas, observa: “[...] como os antigos peruanos, sem o auxílio de ferramentas de ferro, foram capazes de esculpir a pedra tão formosamente, é coisa inconcebível” (EWBANK, 2005, p.451).

Ou ainda, sobre os trabalhos de fundição em bronze, também produzidos pelos Incas, Ewbank afirma que “são espécimes notáveis de fundição” (EWBANK, 2005, p. 335). Nota-se que o referencial de Ewbank para avaliar essa ou aquela cultura passa inevitavelmente pela habilidade técnica empregada. Nesse sentido, se observarmos a forma como o autor qualifica a técnica de forja praticada no Brasil no período em que aqui esteve com aquelas praticadas por antigas civilizações, como a dos Incas, vemos que ele nos coloca em uma posição inferior até mesmo em relação à civilização incaica. A passagem que segue demonstra a forma como o autor descreveu algumas peças:

As antiguidades nativas são poucas e não muito interessantes; mas esta característica da instituição melhorará. Há algumas cabeças embalsamadas do Amazonas. Os tapajós conservam o crânio dos seus inimigos e em ocasiões especiais levam-nos pendurados ao peito como amuletos. Sua aparência é horrível, pior que a dos espécimes neozelandeses colocados a seu lado (EWBANK, 2005, p.120).

Na passagem acima, é reservado aos nativos locais, diferentemente do que ocorria com os Incas, apenas a imagem do barbarismo. Outro exemplo desse tipo de imagem pode ser observado no excerto abaixo, na descrição que o autor faz sobre os discos de pita labiais, que dilatavam o lábio inferior, utilizados pelos indígenas:

Os Chiriviones do Paraguai, assim como as tribos brasileiras, ainda os usam; realmente, eles formam um item bastante frequente nos primitivos relatos do Amazonas. Joias labiais de jaspe são notadas pelos primeiros viajantes, alguns dos quais, quando viram a abertura abaixo dos lábios, imaginaram ter encontrado homens com duas bocas (EWBANK, 2005, p.460).

É interessante observarmos que, quando esse autor trata do indígena, ele expande as fronteiras de observação para a América do Sul. Dessa forma, seus anexos oferecem ao leitor um panorama geral dessa parte do globo, levando estes a concluir, com base em suas análises comparativas entre os grupos indígenas do século XIX e os séculos anteriores, que os atuais haviam regredido no que se refere às técnicas e cultura material.

Contudo, como já dito, esse tema foi lateral em *Life in Brazil*, uma vez que, importante para o autor, era a avaliação da sociedade brasileira como um todo – determinada que era pelo clima tropical – e na qual o lugar do negro e da escravidão, da disposição do branco para o trabalho, do emprego da técnica ainda rudimentar e da predominância da igreja católica formavam um ambiente que não favorecia o progresso.

De todo modo, as próprias descrições sobre a cultura material, os ritos religiosos católicos, o clima e a geografia do Brasil e, como não poderia deixar de ser, o negro e a escravidão, atendiam aos requisitos de observação solicitados pelos nomes da Etnologia norte-americana. Se não havia por parte de Ewbank grande interesse pela população indígena, relegando o tema aos anexos do seu relato de viagem, o mesmo não se pode dizer com relação ao negro.

A opinião de Thomas Ewbank sobre o negro e a escravidão

O viajante publicou *Life in Brazil* em 1856, quando a questão do negro toma o centro do debate nos Estados Unidos. Mas 1846, quando aqui esteve, é o ano em que os EUA dão início à guerra contra o México (1846-1848), período em que as divisões entre Norte e Sul nesse país não estão tão marcadas. As fissuras entre essas duas regiões, embora evidentes, acirram-se após metade do território mexicano ser anexado aos Estados Unidos e o início do debate, no Congresso, se tais domínios – quando transformados em estados – seriam escravocratas ou não; tal decisão modificaria o balanço de poder entre Norte e Sul no Congresso.

Michael Banton (2005, p.48) aponta que, nos Estados Unidos, uma concepção de raça como tipo – principalmente por conta do debate sobre a escravidão – foi desenvolvida de forma mais sistemática e que, desde 1830, vinha ganhando força.

Desde então, o tema sobre o lugar do negro na sociedade norte-americana foi ganhando espaço e promoveu debates calorosos durante a Guerra de Secessão, da qual Thomas Ewbank tomou partido ativamente em defesa da posição dos estados do Norte.

Nos Estados Unidos, a argumentação contra a escravidão teve um cunho essencialmente moral e religioso, como afirma a historiadora Célia Marinho de Azevedo (2003, p.29). Ainda segundo esta autora, os abolicionistas norte-americanos argumentavam que a escravidão ali exercida era a mais cruel e desumana em toda a história da humanidade. Em contrapartida, acreditavam que, no Brasil, os senhores eram mais humanos e benevolentes para com seus escravos e com os negros libertos, os quais tinham possibilidade de ascenderem socialmente.

Em *Life in Brazil*, o espaço dedicado aos negros é considerável, e só perde em extensão para o espaço que o autor dedica à Igreja e aos ritos católicos, muito embora, como já dito, clima, escravidão, catolicismo e a cultura latina estejam inter-relacionados em seu discurso. Em seu relato, o autor procurou retratar as variadas situações com relação ao negro com as quais se deparou durante sua estada no Rio de Janeiro:

25 de abril – Temos aqui muitas pessoas ricas de cor. Eu passei por senhoras negras cobertas de sedas e joias, com escravos de libré atrás delas. Hoje vi uma sentada em sua carruagem, acompanhada por um lacaios de libré e um cocheiro. Muitas estão casadas com brancos. O primeiro médico da cidade é negro, assim como o primeiro Presidente da província. A viscondessa C. e muitas personalidades das melhores famílias são mestiças (EWBANK, 2005, p.267).

Certamente, no excerto acima, Ewbank referia-se aos mulatos. Na concepção de muitos norte-americanos, e podemos sugerir que também para esse viajante, não havia distinções entre negros e mulatos como se fazia no Brasil. De qualquer forma, o autor demonstra a possibilidade de ascensão social entre eles, bem como a existência de mestiços em grande quantidade compondo a elite carioca. Muito embora esse autor não emita nenhum tipo de julgamento sobre a questão da miscigenação, sabemos, por meio da leitura de seus escritos posteriores, que ele condenava a mistura racial, sob a alegação de que todas as raças degenerariam diante dessa ação (EWBANK, 1860).

Em muitas outras passagens, o autor demonstra as condições desumanas e precárias a que escravos eram submetidos por seus senhores:

Do pouco que pude ver, devo supor que os escravos do campo são os que vivem em piores circunstâncias. Todas as manhãs, enquanto a natureza ainda está encoberta pela escuridão das trevas, eu os escuto dirigindo carros através da espessa névoa, e quando são dez horas da noite ainda estão gritando com os bois...

Nas grandes fazendas, alguns dias de descanso são-lhes dado a cada três ou quatro semanas, durante a temporada de colheita do açúcar, mas nas fazendas menores, onde os proprietários geralmente têm dificuldades em se manter fora de dívidas, eles se alimentam mal e trabalham até a morte (EWBANK, 2005, p.439-440).

O autor também se mostrou sensibilizado diante da cena da venda de escravos em leilões, e escreve:

Assim, vi pela primeira vez em minha vida os ossos e os músculos de um homem, com cada coisa que pertencia a ele, colocados à venda, e seu corpo, sua alma e seu espírito entregues à melhor oferta (EWBANK, 2005, p.284).

Os excertos acima retratam situações bastante distintas – a possibilidade de ascensão social do negro, por um lado, e a escravização violenta e desumana, por outro. Em seu relato, ainda que de forma sutil e pontual, o viajante expôs as diferenças existentes entre a escravidão e as relações entre negros e brancos de ambos os países. Apesar de apontar o fato de que, no Brasil, o negro não estaria condenado a uma eterna posição subalterna, seu relato contemplou de forma enfática o “outro lado da moeda”, descrevendo as condições de trabalho a que estavam submetidos e o tratamento atroz que muitos recebiam, a ponto de ser comum o suicídio de escravos.

Outro aspecto que não lhe passou despercebido foi a relação de proximidade e tolerância entre negros e brancos. Os excertos abaixo oferecem ao leitor uma cena de convivência um tanto quanto próxima (em comparação aos padrões norte-americanos) entre brancos e negros livres:

Como o ônibus do Botafogo parou na porta, eu observei três negros sentados entre cavalheiros brancos. Isto é comum. Um negro livre, em trajes decentes – implícito na expressão: “usando sapatos e colarinhos” – pode sentar-se nos logradouros ou transportes públicos tão livremente quanto as pessoas claras. A Constituição não reconhece qualquer distinção baseada na cor (EWBANK, 2005, p.439).

Em visita a um estabelecimento que servia refeições, o autor observa: “Jovens de cor entraram e sentaram-se sem hesitação na mesma mesa dos brancos, e, em perfeita igualdade, tomaram parte na conversação” (EWBANK, 2005, p.135).

É interessante observar que, tanto nessas duas passagens quanto naquela em que observa os negros compondo a elite carioca, há uma ausência de julgamento por parte do autor, como se deixasse a critério do leitor realizá-lo. No entanto – com base nas discussões sobre raça no período e em seus escritos posteriores – podemos inferir que, para ele, tanto a frequente miscigenação e ascensão social de negros e/ou mulatos no Rio de Janeiro quanto a posição de igualdade implícita nas cenas de brancos e negros sentados juntos em meios de transporte ou restaurantes não eram vistos de forma positiva. Não era natural para Ewbank que os negros assumissem posições de destaque na sociedade, já que estes ocupavam o último degrau na escala da evolução. O mais provável é que Ewbank considerasse que, no Brasil, as posições estariam invertidas e fora de sua “ordem natural”: o homem branco não valorizava as profissões mecânicas e evitava o trabalho com as próprias mãos, delegando-o aos escravos e negros livres, os quais, por essa razão, alcançavam postos que não deveriam ocupar.

No entanto, a cena predominante em todo o relato representa os maus-tratos, os castigos e o sofrimento de escravos deformados pelo excesso de trabalho e de peso:

Não é de admirar que sejam tão numerosos os escravos com os membros inferiores aleijados. Passou à minha frente cambaleando de maneira horrível um homem cujas coxas e pernas curvavam-se tanto para fora que seu tronco não ficava a mais de quinze polegadas do solo. Parecia suficientemente pesado, mesmo sem a cesta na cabeça, para quebrar a estrutura óssea e cair entre seus próprios pés (EWBANK, 2005, p.118).

Tendo em vista a quantidade de cenas como a que foi descrita acima, é possível considerar que Ewbank tenha relativizado os debates que estavam ocorrendo em seu país, demonstrando que, apesar das diferenças nas relações entre negros e brancos (principalmente entre negros livres), a escravidão no Brasil não era branda como defendiam os abolicionistas norte-americanos no período em que o autor aqui esteve.

Robert Bieder (2003, p.3) nos informa que, exatamente no período em que Ewbank veio ao Brasil, o debate entre monogenistas e poligenistas se acirrava. Em *Life in Brazil*, seu interesse marcante em descrever essa parte da população, bem como o fato de estar o autor inserido nas discussões raciais de seu país sob uma perspectiva científica, autoriza-nos mais uma vez a afirmar que a forma como esse autor retratou o negro no Brasil estava influenciada pelos debates que aconteciam dentro do campo da nascente Etnologia nos Estados Unidos.

Com base na análise comparativa entre o livro *Life in Brazil*, publicado em 1856, e o panfleto *Inorganic forces ordained to supersede human slavery*, publicado em 1860, é possível perceber mudanças na forma como o autor enxergava o negro e, também, o fortalecimento de algumas crenças desse viajante no que se refere à ideia de raça discutida no período. Se em *Life in Brazil* a posição do autor não é clara no que concerne à sua vinculação teórica ou sobre a miscigenação e o lugar do negro no mundo, o mesmo não ocorre no panfleto *Inorganic forces*, de cerca de 30 páginas, escrito, como já mencionado, com o objetivo de discutir o lugar do negro na sociedade e de propor soluções ao fim da escravidão, sob uma perspectiva científica e tecnológica. Possivelmente, quando o autor escreveu esse panfleto, seu objetivo maior fosse discorrer sobre o lugar do negro nos Estados Unidos, pois, nessa época, a pressão dos abolicionistas aumentou a frequência dos debates sobre a escravidão naquela sociedade, em razão da tentativa de abolição da escravidão – o que ocorreu em 1863, em plena Guerra Civil e apenas três anos após a publicação de *Inorganic forces*.

Nesse panfleto, Ewbank alerta que a escravidão vem de tempos remotos, mas que era muito diferente daquela praticada nas Américas. Embora saibamos hoje que muitos dos escravos do mundo antigo eram prisioneiros de guerra, o autor pontua a diferença afirmando que gregos e romanos escravizavam os de sua própria raça, enquanto, na América, escravizavam estrangeiros de raça inferior. A escravização de negros na Antiguidade, afirma Ewbank, foi muito pequena, “mas um outro estado de coisas foi revelado com a descoberta da América, algo sem igual na história do Oriente” (EWBANK, 1860, p.4).

Em seu panfleto, o autor deixa transparecer de forma enfática a sua crença de que as questões de cunho moral, político ou religioso, implícitas no debate sobre a escravidão, poderiam encontrar respostas na natureza ou em suas leis. Deus havia criado a Terra e seus habitantes para que estes pudessem interagir com seu meio de forma eficiente, por meio do trabalho. Nem as diferentes regiões do mundo e nem seus habitantes foram criados com as mesmas capacidades e características, sendo os homens, portanto, desiguais. Na visão desse autor, não havia problema nisso, pois o planeta necessitava de diferentes habilidades humanas para o trabalho, sendo todas importantes para seu desenvolvimento. Cada raça, em cada região do globo, foi criada com uma vocação específica. Desrespeitar esse princípio da natureza, para o autor,

traria consequências desastrosas, a começar pela degeneração e a conseqüente barreira ao progresso:

O trabalho, diverso em sua natureza, minucioso nos seus detalhes e abrangente em suas relações, exige diversidades nos caracteres e capacidades dos trabalhadores, e estes também são fornecidos por uma lei da organização da terra. [...] Seu clima e produtos diferem muito entre o Equador e os polos [...]. Todos sabem como o calor e umidade variam de acordo com a posição geográfica, e como eles afetam a força muscular do homem [...] A humanidade é composta de raças que variam em estrutura física e mental, de acordo com as diversas condições das grandes porções da terra, cada uma constituída para florescer melhor em climas semelhantes aos seus nativos. Homogeneidade da raça só pode concordar com uma terra uniforme e, portanto, as diversidades de raças devem ser tão duradouras como a variada constituição da terra. [...] Tal como acontece com os animais, uma raça não pode desempenhar as funções das outras (EWBANK, 1860, p.8-9).

Na escala de desenvolvimento das raças, o homem branco deveria levar a civilização às terras e raças inferiores, compartilhando de suas descobertas e encarregando a cada raça a parte do trabalho que lhe caberia. Nessa escala, como não podia deixar de ser, a raça branca era a que concentrava os atributos necessários para a liderança e para fazer valer os princípios da civilização, e a raça negra ocupava o último lugar em desenvolvimento:

A ordem natural das raças é indicada por suas características, como compleição, o cabelo, etc. A cor é o principal teste, começando pelo o que é chamado de branco e aprofundando na sombra através do amarelo ao azeite, do ébano para o azeviche. Seja qual for o teste, o homem branco é visto como encabeçando a série, e os negros e suas castas, ocupando a parte inferior. [...] Enquanto as desigualdades em termos físicos das raças são admitidas e habilitadas por escritores da história natural das espécies, há aqueles que defendem uma igualdade de intelecto em todas elas. Contrariamente à analogia, à história e à observação, eles defendem o mesmo valor para a menor e para a maior raça, como se a diversidade não necessariamente implicasse em diversidade de estrutura mental, e como se a economia de nossa orbe não requeresse isso das raças, bem como de indivíduos de todas as raças. Eles, aliás, ignoram a absoluta universalidade dos princípios da variedade e gradação. Seria uma anomalia se estes princípios não penetrassem o mental tanto quanto as formações corporais dos homens, e não apenas as raças como um todo, mas cada raça em si. É inconcebível a forma como a extrema diversidade do trabalho exigida das nossas próprias raças poderia ser exercida em harmonia, ou de todo, com uniformidade ou igualdade de intelecto ou da capacidade intelectual. A característica da raça negra é a sua inferioridade mental e, conseqüentemente, a sua inquebrantável associação com a barbárie. Exceções individuais não afetam essa lei, exceto para confirmá-la. Não fossem os negros intelectualmente inferiores, seria impossível escravizá-los. A origem do poder está na mente, não no corpo (EWBANK, 1860, p.11).

Embora em *Life in Brazil* Ewbank se colocasse contra a escravidão, em *Inorganic forces* o autor é muito mais explícito e se demora no desenvolvimento do tema. Vemos acima que ele, nesse momento, justifica a escravidão, devido as distinções encontradas entre as raças. As indicações são de que Ewbank passou a considerar a escravidão em algumas partes do mundo. Por outro lado, com base nos excertos acima, podemos afirmar que neles, o autor se tornou mais claro e contundente em suas afirmações sobre a inferioridade da raça negra e a escravidão em 1860 do que em 1846, quando esteve no Brasil. Sua posição sobre a importância de permanecerem em seu clima de origem, bem como em tornar seu tratamento mais humano, ainda que permanecessem como escravos é clara no excerto que segue:

A justiça natural nos ensina que a escravidão negra, se justa e beneficente em qualquer lugar, só pode sê-lo em climas apropriados à constituição do negro, e onde o trabalho não lhe seja prejudicial à saúde, nem em quantidade naturalmente exaustiva de sua vida, nem aplicadas a partir de regras proibitivas de seu avanço mental. Nenhum sistema pode ser correto se não os reconheça e os trate como homens, embora estejam abaixo na escala das massas da humanidade (EWBANK, 1860, p.7).

Uma hipótese a ser considerada é a de que, em 1846, a concepção tão marcada sobre o negro que aparece em 1860 ainda não estivesse clara para o autor. Apesar de posicionar-se contra a escravidão inicialmente, Ewbank não era um abolicionista e, sim, um defensor do progresso pela adoção de novas técnicas. Contudo, acima, ele legitima a escravidão em “climas apropriados à constituição do negro”. Certamente, aqui, ele passa a considerar a possibilidade da escravidão em climas tropicais. No panfleto, o autor aponta a inferioridade do negro e defende que seria papel do homem branco ajudá-lo a evoluir. Para tanto, era necessário que o homem branco desenvolvesse – como o próprio título de seu panfleto anuncia – máquinas e mecanismos capazes de substituir, ainda que a longo prazo, a mão de obra escrava por forças inorgânicas. Os negros assim poderiam passar da escravidão ao trabalho assalariado e então trabalhariam nas fábricas e mesmo nos campos, mas não mais realizando tarefas desumanas, embora ainda realizassem uma tarefa menor se comparada à realizada pelo homem branco. Nesse sentido, a saída encontrada por Ewbank para o negro é a que segue:

A proposta é: quantidades ilimitadas de força devem ser elaboradas a partir da matéria inerte, e que serão aplicados dispositivos mecânicos para os trabalhos exaustivos dos escravos, sendo estes os únicos a realmente pôr um fim ao tráfico de escravos. Esse é o plano da natureza e, portanto, é eficaz, sem ser violento; leve, progressista e conservador, não prejudicial para a classe, mas vantajoso para todos os interesses. Nele, a moral da escravidão é invertida. As forças empregadas não possuem sentimento e têm grande capacidade para o trabalho, se aproximando assim de cumprir e respeitar a vontade do Criador. O trabalho humano torna-se melhor em seu caráter e se reduz em quantidade e intensidade, que é essencial para a saúde e vigor mental. Realizado com inteligência, o negro se ocupa na direção de outras forças. O escravo se transforma em um capataz. Há então esperança para o negro. Sua raça não está destinada a permanecer como servos desinformados (EWBANK, 1860, p.26-27).

Embora mentalmente inferior e associado à barbárie, havia saída para o negro: tornar-se mão de obra barata. O contexto histórico nos ajuda a compreender melhor esses dois escritos. Ewbank, ao publicar o panfleto, posiciona-se claramente sobre os temas que envolviam o negro, baseando-se na “distribuição geográfica das raças” pelo globo. Aqui avalia a questão de forma geral e não se remete exclusivamente ao Brasil, embora tratasse aqui e ali das regiões tropicais. Nessa época, as divisões entre Norte e Sul nos Estados Unidos eram tamanhas que já apontavam para o conflito de grandes proporções que teve lugar entre 1861-1865. Nesse período, a poligenia passa a ganhar mais espaço nesse país, provavelmente em razão de suas bases teóricas, que postulavam não apenas a inferioridade do negro, mas a existência de lugares que eram mais apropriados a sua raça.

O tempo entre a publicação de *Life in Brazil* e *Inorganic forces* é de apenas quatro anos. No entanto, como vimos, Ewbank, apesar da sua avaliação negativa, decidiu por manter certa ambiguidade sobre determinados temas em *Life in Brazil*, o que não ocorreu em *Inorganic forces*, texto em que o autor se posiciona de forma mais agressiva sobre o tema da raça, escravidão e miscigenação. De uma ou de outra maneira, certamente, a oportunidade de observar, em sua viagem ao Brasil, como viviam e “degeneravam” diferentes raças em um país tropical, levou-o a confirmar determinadas concepções e deixá-las ainda mais claras, fazendo-o posicionar-se ainda de forma mais intolerante no seu último escrito. Para ele, era um problema a equacionar: a sociedade que adotava e que optara pelo progresso e civilização via-se na iminência da abolição. O que fazer com os negros livres foi uma questão que mobilizou políticos, cientistas e intelectuais, não só nos Estados Unidos, mas em outros países das Américas, como o Brasil.

Embora o meu objetivo aqui seja analisar exclusivamente *Life in Brazil*, creio ser importante demonstrar que, com base na análise de outros escritos do autor, foi possível não apenas confirmar a forte ligação de Ewbank com a Etnologia e com a técnica, que promoveriam o bem estar de toda a sociedade, mas também perceber sua mudança de posição com relação ao negro. Alexsander Gebara, (2001) ao estudar os escritos do inglês Richard Burton sobre algumas regiões do mundo, identifica que o viajante vai modificando a forma de classificar os povos e países que visitava, estando essas transformações relacionadas à crença do autor em determinadas teorias sobre o gênero humano, que foram se modificando à medida que os anos passavam e as discussões sobre raça apresentavam novas perspectivas.

Da mesma forma, Ewbank foi definindo as suas posições com o correr do tempo, e tendo em vista os locais em que visitou, principalmente o Brasil. As indicações são de que inicialmente acompanhou a perspectiva monogenista que tinha lugar nos debates da *American Ethnological Society*, na qual o importante defensor do monogenismo, Albert Gallatin, tinha papel preponderante. Na década de 1850, o autor já se colocava fortemente contra a mestiçagem, chegando mesmo a considerar que em determinadas regiões, como nos trópicos, algum tipo de servidão seria necessária, provavelmente se encaminhando para o lado dos poligenistas. Contudo não foi possível comprovar ao longo da pesquisa se Ewbank permanecia um monogenista, legitimando a escravidão em climas tropicais ou, se de fato, voltou-se para a poligenia. O que é importante ressaltar aqui é que Ewbank, em seus textos, debatia com os pensadores que discutiam a questão da raça e que ele próprio demonstrava uma certa ambigüidade aqui e ali - ou estava ele mesmo definindo as suas colocações (como também a etnologia no período) - especialmente se avaliarmos todos os seus escritos.

Segundo George M. Frederickson,(1987, p.143) Ewbank, em *Inorganic forces*, ao mesmo tempo em que considerava algum tipo de servidão negra nos trópicos, foi contra à proposição de que os novos territórios incorporados após a Guerra com o México, em 1848, fossem escravocratas; aliás tema que dividiu o país e o levou à Guerra de Secessão que teve o seu início em 1861.¹⁰

10

O importante a ressaltar aqui, é que, o acesso ao panfleto nos permitiu reconhecer ou reafirmar a crença de que Ewbank estava inserido no grande debate que se travava nos Estados Unidos sobre o lugar do negro na sociedade. Mais que isso: ajuda-nos a compreender algumas das concepções que fundamentaram suas proposições acerca do desenvolvimento da civilização nos trópicos. O clima tropical, considerado de forma pontual pelo autor como forte impedimento ao progresso em *Life in Brazil*, é, nesse panfleto, amplamente discutido e justificado. Suas crenças sobre a escravidão e maus-tratos imputados ao negro também são esclarecidas e foram de grande valia para compreender a interpretação feita pelo autor sobre as cenas da escravidão por ele retratadas quando esteve no Brasil.

Life in Brazil é muito utilizado por historiadores. E é de fato um documento bastante útil para os pesquisadores que querem discutir a sociedade brasileira da época, uma vez que seu texto é rigorosamente descritivo e detalhista. Contudo, a visão negativa que expressa sobre o Brasil deve ser compreendida no âmbito do debate que se travava na época sobre a “origem do homem” e o “lugar de determinadas raças em seus respectivos ambientes geográficos”, temas de uma ainda incipiente Etnologia.

Desvendar o homem por trás dos seus escritos de viagem tornou-se um esforço imprescindível para que pudesse compreender as imagens e representações contidas no discurso do viajante. Para tanto, tornou-se essencial a realização de uma análise de texto e contexto, cultura e política, bem como o cuidado de considerar a possibilidade de que diversos fatores poderiam dirigir ou censurar o olhar e a escrita do viajante (tais como instituições, interesses políticos ou credo religioso), limitando assim a expressão de suas impressões íntimas e impulsionando-o a escrever de modo a agradar a um determinado público.

Como vimos, apesar de não ser meu principal objetivo a realização de um trabalho sobre a vida e obra de Thomas Ewbank, mas sim sobre o relato de viagem de sua autoria, caso mantivesse o foco de análise somente em *Life in Brazil*, seria impossível compreender de forma mais aprofundada a visão do autor, que nem sempre se mostrou de forma clara em seu relato. Uma pesquisa apurada sobre sua trajetória de vida me levou a dois pontos-chave formadores de sua visão de mundo: o debate sobre a origem do homem que ajudou a conformar o campo da Etnologia e a ideia de progresso.

Considerando que a forma como o autor retratou o Brasil está fortemente relacionada às suas crenças pessoais, bem como ao ambiente social e político em que estava inserido, creio ser possível julgar o diário de viagem de Ewbank uma espécie de “escrita de si”. Ainda que produzido com o objetivo de compartilhar com o público, esse tipo de material revela muito mais do que “a vida no Brasil”. Seu relato de viagem nos informa sobre a visão de um homem que, inserido em uma determinada sociedade, em um determinado tempo, pensou sobre o “outro” e o ressignificou sob um ponto específico de referência: os Estados Unidos da América.

A real dimensão de tais influências só pôde ser desvelada, como visto, partindo da mais ampla investigação possível de seus escritos, seu percurso profissional e de seus valores. Em outras palavras, se levarmos em consideração que os escritos de um autor revelam muito do que ele é, então podemos considerar que, como lindamente escreveu Fernando Pessoa, “as viagens são os viajantes”, ou, na pertinente e poética afirmação de Anais Nin, “não vemos as coisas como são: vemos as coisas como somos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, C. M. M. de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada* (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003.

BANTON, M. *Racial Theories*. Cambridge: Cambridge University Press: 1998.

BIEDER, R. E. *Science encounters the Indian, 1820-1880*. Norman: University of Oklahoma Press, 2003.

DIPPIE, B. *Catlin and his contemporaries: the politics of patronage*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1990.

EWBANK, T. A description of indian antiquities brought from Chile and Peru, by the United States Naval Astronomical Expedition. In: GILLIS, J. M. *U. S. naval astronomical expedition to the southern hemisphere during years 1849, 50, 51, 52*. Washington: A.O.P. Nicholson Printer, 1855. p. 111-150.

_____. *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*. Boston: Adamant Media Corporation, 2005.

_____. *The world a workshop: or the physical relationship of man to the earth*.

New York: Appleton & Company, 1855

_____. *Inorganic forces ordained to supersede human slavery*. New York: William Everdell & Sons, 1860.

FREDRIKSON, G. M. *The black image in the white mind: the debate on afro-american character and destiny, 1817-1914*. Wesleyan U.P: 1987.

GEBARA, A. L. A. de. *A experiência do contato. As descrições populacionais de Richard Francis Burton*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2001.

GERBI, A. *O Novo Mundo: história de uma polêmica, 1750-1900*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. 2. edição, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALLER, J. S. Jr. The species problem: Nineteenth-century concepts of racial inferiority in the origin of man controversy. *American Anthropologist, New Series*, v. 72, n. 6, Dec./1960.

HULME, P. and YOUNGS, T. (Orgs). *The cambridge companion to travel writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JUNQUEIRA, M. A. Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, U. S. Navy, em direção à América Latina (1838-1901). *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de pós-graduação em História, UFMG, v. 23, n. 38, jul./dez. 2007.

MACHADO, M. H. P. T. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo degeneracionista. *Revista USP*, São Paulo, v. 75, p. 68-75, 2007.

PATERSON, T. Carl. *A social History of Anthropology in the United States*. Oxford & NY: Berg Publishers, 2001.

RAMINELLI, R. *Viagens Ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância*. São Paulo: Editora Alameda, 2008.

SELA, E. M. M. *Modos de ser em modos de ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro-1808-1850)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2006.

STOCKING, G. W. Jr. *Victorian Anthropolgy*. New York: The Free Press, 1991.

WHIPPLE, W.; EWBANK, T.; TURNER, W. M. W. Report upon the indian tribes. In:

Explorations and surveys for a railroad route from the Mississippi river to the Pacific Ocean. Washington, D.C.: War Department, 1855. p. 43-53.

WILCOX, D. R. and FOWLER, D. D. The beginnings of anthropological archaeology in the North American Southwest: from Thomas Jefferson to the Pecos Conference. *Journal of the Southwest*, 22 jun. 2002.

WILSON, J. G. Proceedings of the American Ethnological Society. *American Anthropologist*, New Series, New York, v. 2, n. 4, Oct.- Dec. 1900, p. 785-796.